

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
GRUPO DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: “MEMÓRIA E HISTÓRIA: VISÕES DE MINAS”
ENTREVISTADORES: PROF. MICHEL LE VEN
APARECIDA MACIEL
MIRIAM HERMETO
ENTREVISTADO: JOSÉ DAZINHO GOMES PIMENTA
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 25/01/1996

Entrevista - fita 6 - lado A

MV: ...dia 25 de janeiro de 1996, continuação da entrevista com o Dazinho, sendo entrevistadores a Cida, a Miriam e o Michel. Ô Dazinho, a gente podia continuar então te ouvindo, não é?, sobre a sua história, a vida no Sindicato **Erro! Indicador não definido.**, na Ação Católica **Erro! Indicador não definido.**, e também a relação com a sua casa, o que que mudou propriamente na sua vida nesse período de 52 até... até 64 principalmente.

JD: Em 1952 foi o ano em que nós fomos eleitos... a chapa do Zé Nilton, do qual eu fazia parte também, para o biênio 53/54. E antes disso, naturalmente, eu fazia parte em todas as comissões que era tirado em assembléia para atuar junto com a diretoria do Sindicato **Erro! Indicador não definido.**, em alguns casos, em reivindicações junto da empresa, é... numa luta constante contra o Ministério do Trabalho **Erro! Indicador não definido.**, que apesar de ser Ministério chamado Ministério do Trabalho, ele pertence mais aos pro... aos empresários e... e aos donos do poder, do que aos trabalhadores. A prova disso é que no Ministério da Fazenda eles põe um economista, no Ministério da Agricultura, eles põe um fazendeiro, no Ministério da Saúde eles põe um médico, no Ministério do Trabalho eles põe qualquer um, menos o trabalhador.

MV: Han, han.

AM: Verdade!

JD: Na Previdência Social também eles põe qualquer um, menos trabalhador, que são os donos desse... não é?, desse processo, não é?

MV: Han, han.

JD: Antigamente ainda tinha um pouco de sentido, que o Ministério do Trabalho **Erro! Indicador não definido.** chamava Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

MV: Han, han.

JD: Mas depois que desmembrou continuaram a dominar lá, botando os representantes dos interesses de grupos econômicos, contra os interesses dos trabalhadores. Então a luta do Sindicato **Erro! Indicador não definido.** não era só de manter a... a chama das reivindicações operárias não. Era uma luta contra o poder mesmo, instituído, não é?, que é o poder político dominado pelo Ministério do Trabalho **Erro! Indicador não definido.** que, como eu já disse antes, tinha que autorizar as assembléias, exigia é... atestado de bons antecedentes para o sujeito ser candidato a presidente do Sindicato. Que... tem lá... tem... aquilo é interesse dos trabalhadores e os antecedentes tem que ser os antecedentes que os trabalhadores determinarem que deva ser. Honestidade, não é?, e saúde suficiente para o cargo que é, é um cargo que... ele... exige, às vezes exige 24 horas por dia. Porque apesar das vezes a gente num... num estar lá no Sindicato, o fato de não estar no Sindicato não quer... não tira a responsabilidade não. O presidente, aonde ele estiver, ele é o presidente do Sindicato. Então, todas ações dele são ações [de?] função da... do cargo que ele ocupa lá. Então, a... as assembléias do Sindicato de Nova Lima era muito concorridas. Não tinha assembléia lá com menos de três mil operários //não.//

MV: //Hum?//

JD: Três mil.

MH: Que isso!

JD: Nunca teve uma assembléia lá que tivesse menos de três mil operários, que costumava ter seis/sete. E... o seu... a empresa tinha oito mil e cem trabalhadores, é... na sua folha [do?] pagamento, sete mil novecentos e tanto eram associados do Sindicato **Erro! Indicador não definido.** Então o Sindicato ti...

MV: E vocês encontraram isso quando vocês assumiram?

JD: É, quando nós assumimos já encontramos esse quadro.

MV: Dazinho, mas onde que podia fazer assembléias desse tipo? Nem... no ar... em ar livre, então?

JD: Não. Lá tem um cinema muito grande, municipal // **MV:** []// e então era... as assembléias eram feitas lá nesse teatro municipal, [que?] []/

MV: [] as assembléias eram muito formais, com mesa, auto-falante...?

JD: É.

MV: O direito à palavra?

JD: Direito à palavra. Até porque lá não se admitia esse negócio de... é... cortar a palavra de qualquer pessoa por causa de que... às vezes tinha discussões paralelas, muito fortes e tudo, mas é... tomar a palavra de um... de um associado, isso não acontecia. Até porque a assembléia não concordava com isso de jeito nenhum. Nem que a diretoria quisesse, a assembléia não concordava. Então era bastante atuante lá... as lideranças que atuavam, atuavam mesmo! Eram quase sempre as mesmas, mas era gente que atuava. Então, não era por falta de confiança na diretoria não, que eles elegiam sempre uma comissão para acompanhar a diretoria, é pelo fato de fazer mais pressão em cima dos órgãos e das autoridades, todos... mesmo que não fosse órgão do Governo, autoridade governamental, mas quando se ia discutir qualquer problema do interesse dos trabalhadores, eles tiravam uma comissão na assembléia para acompanhar, para essa comissão é... testemunhar os fatos que houve. Não tanto por desconfiança da diretoria, mais para confirmar a autoridade da assembléia, não é?, nos... nos movimentos, nas reivindicações dos trabalhadores. Então, eu já tinha pertencido a muitas e muitas comissões...

MV: Você lembra de algumas?

JD: Não, não lembro não. Porque era para tudo quanto há e eu não... não estou lembrado não. Mas a... as mais importantes eram as que iam tratar com a diretoria da empresa sobre diversos assuntos e as que tratavam com o Governo, também sobre diversos assuntos, como previdência social, seguro de acidente... contra acidente de trabalho... por aí.

MV: Escuta, esse grande número de participantes, é... isso não inibia, por exemplo, a participação da... digamos, da base, de quem quisesse falar? Ou a palavra... Um trabalhador comum podia tomar a palavra na assembléia?

JD: É. Ah... ao instalar-se a assembléia, o presidente do Sindicato **Erro! Indicador não definido.** abria, abria a assembléia, falava lá uns dez, quinze minutos sobre a pauta que ia ser discutida.

MV: Han, han.

JD: Depois, se tinha algum visitante, oferecia a palavra ao visitante. E lá tinha muitos visitantes, porque as assembléias lá eram muito concorridas, então muita gente gostava de ir para ver, não é? Então, era dada a palavra ao advogado do Sindicato **Erro! Indicador não definido.**, se tinha alguma coisa que tinha interesse... do qual o advogado era a pessoa única indicada para falar; se não tivesse, o advogado ficava sentado lá o tempo todo, só sendo argüido. Se não fosse argüido, não falava nada. Depois que o presidente do Sindicato falava, e o visitante, ou algum membro da diretoria, que tinha alguma coisa a acrescentar, falava, era norma colocar a palavra franca. Aí qualquer pessoa da assembléia poderia utilizá-la. Falando bem ou mal, falando a favor ou contra, é... discordando da diretoria, discordando do presidente, discordando das proposições, nunca foi negada a palavra não. Havia, às vezes, contestações; havia brigas inclusive, mas nunca a limitação da palavra a qualquer associado.

AM: Vocês procuravam ser democráticos, não é?

JD: Era muito democrático! Nesse ponto era.

MV: Não havia então, como tem hoje, tendências, grupos organizados?

JD: Muito não. A não ser o Par... o grupo do Partido Comunista **Erro! Indicador não definido....** // **MV:** Han, han.// [] era o único grupo organizado. O resto não. O outro grupo organizado era dos jagunços da empresa.

MV: Mas que estavam lá também?

JD: Que ia na assembléia alguns deles também. E defendiam posições da empresa lá [dentro?].

MV: Tomavam a palavra para defender?

JD: É, é. Às vezes eram vaiados e tal tal, mas, é... o presidente do Sindicato **Erro! Indicador não definido.** sempre tomava a defesa deles. Não a defesa dos atos deles, mas o...

AM: ...mas o direito...

JD: ...o direito dele utilizar da palavra, porque ele era um associado do Sindicato **Erro! Indicador não definido.**, e podia concordar ou discordar de qualquer coisa.

AM: Pois é, Dazinho, na última entrevista você estava comentando com a gente sobre a inserção da empresa em todos os aspectos da vida do pessoal de Nova Lima, e você não terminou de falar.

JD: Bem, o... todas as lutas dos trabalhadores, elas traziam uma certa ansiedade na sociedade, porque sendo uma empresa única no município, que detinha o maior número de empregos, oito mil e tantos empregados, era realmente uma... uma cidade que vivia do produto é... que tinha, que era os... o poder aquisitivo dos trabalhadores. Mas o poder aquisitivo dos trabalhadores era em função da empresa. Como a empresa era centenária e durante esse tempo todo ela foi dominando tudo lá, isso virou uma prática de tal maneira que ninguém, em sua consciência, contestava. Ninguém contestava. Os comerciantes, porque ficava com medo da empresa fazer alguma represália... e esquecia que quem podia fazer represália era os trabalhadores, que era os que recebiam o dinheiro e que gastava no comércio. Mas a subserviência **Erro! Indicador não definido.**, ela é de tal forma é... incrustada na sociedade, que é muito difícil as pessoas enxergarem o outro lado, porque veio de pai para filho aquilo, não é?, então o sujeito vai é... aceitando aquilo como verdade. Eu me lembro que, quando eu estava são, eu fui algumas vezes na... lá na Católica falar lá para os estudantes lá, sobre temas operários. E às vezes no final, quando eu acabava de falar, na hora que o pessoal ia fazer as perguntas, aparecia muita gente de Nova Lima, para fazer pergunta, que não conhecia um "a" daquelas coisas toda que eu tinha falado, porque os pais sempre discutiram lá em termos da dominação. Nunca, apesar de serem dominados também, mas nunca se colocaram como dominados! Colocaram do lado do dominante. Então, vinha muitas daquelas pessoas, que ficavam apavoradas... - "*Mas como é que nós nunca ouvimos falar disso!?*" Falava: "- Onde é que vocês viviam?" - "*Dentro de casa*". - "*Tá explicado!*" Porque mesmo os trabalhadores mais conscientes... Mais conscientes não, que tinham alguma participação, tinha também essa visão. Aceitavam a posição do Sindicato **Erro! Indicador não definido.**, aceitavam a

colocação do Sindicato, [colocavam-se?] até nas lutas dos trabalhadores, mas defendendo o seu quinhão, o seu interesse. Se por um acaso, naquele íterim, alguma coisa, é... dispusesse dentro do... da campanha dele e ela tocasse, ele passava para o outro lado.

MV: Então o Sindicato **Erro! Indicador não definido.** trabalhava um pouco em cima do... do fio da navalha, não é?

JD: Claro, é... tinha que fazer... o... o maior processo de conscientização lá era permanente. Permanente.

AM: Vocês não podiam, um minuto, deixar de... porque senão vocês perdiam mesmo o terreno?

JD: É. E por... e... como o pessoal mais... mais conservador não admitia, não... não somava com a ideologia do pessoal do Partido Comunista **Erro! Indicador não definido.**, então esse pessoal era fácil massa de manobra da empresa, se a gente não tivesse atento 24 horas por dia, não é?, defendendo os interesses dos trabalhadores de qualquer forma, em qualquer circunstâncias. Por exemplo, nós tivemos um caso lá, de um trabalhador, que ele era desindicalizado, mas era inimigo número um do Sindicato **Erro! Indicador não definido.** E não fazia questão de... // **MH:** Negar?// de publicar isso não. Era público e notório a aversão dele pelo Sindicato e principalmente pelas diretorias do Sindicato, seja ela qual fosse. Eu não sei o que aconteceu lá um dia, é... ele cometeu um... um erro lá, é... foi confundido com uma... uma posição dele como se fosse um outro, e eles puniram. Ele foi lá no Sindicato e nós fomos na Justiça, defendemos, e ele ganhou. Nossa Senhora!, isso foi um... um Deus que nos acuda. Porque a maioria dos trabalhadores que conhecia ele... - *“Ah, o Sindicato não deve defendê-lo não! Deixa ele”!* *“A vida inteira não ficou do lado da Companhia? Agora ele amarga lá com ela então”.* O Sindicato defendeu o interesse dele e ganhou. E, ele... dessa data em diante ele não deixou de, é... estar do lado da Companhia, mas nunca mais tomou posições contra o Sindicato ou contra a diretoria [].

MV: Eh, e o fato de você ter entrado então na direção do Sindicato **Erro! Indicador não definido.**, qual foi a influência que teve na sua vida? Você falou o outro dia que o fato de ser secretário era um pouco devido ao... uma certa cultura que você tinha. Como que foi sua vida, como você foi é... sendo, também se fazendo uma liderança local, estadual, até nacional, não é?

JD: É engraçado que... é bem relativo o meu grau de cultura. Em termos de trabalhador de mina até podia ser uma cultura melhorzinha um pouco. Mas lá tinha muitos, muitos trabalhadores muito mais cultos do que eu. Mas...

MV: Culto no sentido que tinha mais estudo?

JD: Mais estudo.

MV: É. Estudo formal, não é?

JD: Formal. Mas não tinha nenhuma participação de vida, não tinha nenhuma é... participação atuante é, no... numas... nas ações social dos trabalhadores, não é? Então, era umas pessoas que se consideravam superiores para poder meter-se no meio de gentinha do Sindicato **Erro! Indicador não definido..**

MV: Hum, hum.

JD: Era associado, ia nas assembléias alguns deles, nunca usavam da palavra. Não, não desciam do seu pedestal para misturar com os trabalhadores não. Mas eram escolarmente mais adiantado do que a gente. Mas pelo fato da... da gente ter assim uma certa coragem de enfiar a cara na luta dos trabalhadores, é que nos conduziu a ter a obrigatoriedade também de começar a ler... de continuar a ler mais, a... a procurar é... conversar com pessoas mais bem preparadas e que tinham mais ou menos as mesmas...

MV: Cultura.

JD: É. ...as mesmas posições, é... de visualizar a... os problemas do povo, não é?, tanto no plano econômico, político e social. Então com isto nós fomos aprimorando assim um pouco mais, a ponto de chegar a ser convidado para candidatar a uma cadeira na Assembléia Legislativa, o que parecia no início, parecia até uma comédia.

MV: Por quê?

JD: Ah, trabalhador atrasado, é... atrasado em todos os sentidos. Na época eu não estava assim preparado politicamente, até porque até nessa época eu era até anti-político **Erro! Indicador não definido..**

MV: Han?

JD: Achava que trabalhador não tinha que meter-se em política // **MV:** Essa...// partidária.

MV: Até que data, mais ou menos?

JD: Até mil novecentos e sessenta e... sessenta e um, sessenta.

MV: Hum, hum.

JD: Eu achava que trabalhador não tinha que mexer com política não. Tinha que mexer era com os trem do Sindicato **Erro! Indicador não definido.** mesmo, essas lutas deles. Então perdi um tempo muito grande, que podia ter aprendido muito coisa, não é?, podia ter participado. Hoje eu faço autocrítica, foi uma posição errônea... Não era só minha não, **//MV:** É, você não é... não é o único. **//** da maioria dos trabalhadores. Era da maioria dos trabalhadores, não é? É... achava que o trabalhador não tinha que se meter com política partidária. E depois que eu enfiei na política partidária é que eu acabei descobrindo que pela... pela nossa aceitação do que eles queriam, que era justamente isso, que nós estivéssemos afastado, [] eles então é que determinam o tipo de educação que é dado ao povo, o tipo de saúde, o tipo de salário. Essas coisas todas eram eles que determinavam. Então só fui descobrir isso, no meu ponto de vista, tarde demais.

MV: Porque é... partiu de algum convite, ou você mesmo foi crescendo?

JD: Não, quando eu fui convidado para ser candidato **Erro! Indicador não definido.** é que comecei a descobrir isso.

MV: Você já era de algum partido?

JD: Não era de partido nenhum, [ainda?]....

MV: Até 61, então, você não tinha... 61/62...?

JD: É, eu tinha pertencido um partido lá, porque eu fui candidato a prefeito lá, mas...

MV: Quando?

JD: É... ah, não lembro. Mas foi antes, foi antes de 60.

MV: Ah, bom .

JD: É, eu fui candidato a prefeito e...

MV: Mas isso era **//JD:** Mas... **//** mexer com política?

JD: Pois é, mas **//MV:** É. **//** era o pessoal que dominava o Partido é que mexia, eu fui o candidato porque era o que tinha mais condições, **//MV:** Han, han. **//** não só eleitorais, como também de execução do... é... do plano administrativo, não é?

MV: Você lembra do... é... do Partido?

MH: Que partido era?

JD: PT**Erro! Indicador não definido..**

MH: Hum!

MV: Han!

JD: Então é... Mas também foi uma passagem assim rápida das eleições, acabou as eleições, acabou a minha participação em política, não é? E a participação durante o período é... da campanha, foi assim uma... meteórica, porque eu não aprendi nada, não descobri nada, e ainda sai pior do que... fui derrotado, não é?... [risos]

AM: Ô Dazinho, pegando o gancho que... com o que o Michel te falou... te perguntou, como é que era... como é que surgiu isso na sua vida e tal, mas como é que era isso com relação a sua família? Como é que sua família recebia isso, se eles participavam disso juntamente com você, ou se acabou criando uma certa distância entre você e sua família? Como é que era isso? Dentro da sua casa por exemplo da sua relação, você, Dazinho do Sindicato**Erro! Indicador não definido.** e o Dazinho na família? Se isso era separado, como é que se dava isso?

JD: É, quando eu casei eu já era do Sindicato**Erro! Indicador não definido.**, não é?

AM: Você casou em que ano?

JD: Em 53. E eu já era diretor do Sindicato**Erro! Indicador não definido..** Claro que... Nessa época, a interferência era muito pouca, porque estava num período é... mais romântico, então... o Sindicato não era romântico, não é? É... é mais, o namoro é [muito?]. Agora, depois que eu me casei, realmente algumas áreas, algumas arestas criaram-se, mas não assim a ponto da gente ter uma desestruturação. Pelo menos inicialmente não houve não, não é? E quando foi com política também é, aí houve já uma ruptura um pouco maior, mas também não chegou a ponto de romper a... os nossos laços não. Claro que nós sempre tivemos dificuldades porque é preciso que os dois tenham um... o mesmo ideal. É muito difícil numa vida a dois, com coisas tão... tão diversificadas assim. Eu não tinha tempo nenhum para ficar em casa. Era Sindicato, política, é... **//MH:** Trabalho.// trabalho, movimento sociais. Quer dizer, então tomava o tempo quase todo, não é? Mas mesmo assim nós conseguimos...

AM: A dona Raimunda então não participava, num... num... de nada, de... com relação a sindicato, política, ela ficava em casa e criava os filhos?

JD: É. E sempre contrário... // **AM:** Já é o bastante, não é?// E sempre contrária... É. Não! // **AM:** Já é muito// Não acho que é bastante não. Acho que é tudo, // **AM:** É tudo!// porque... não é? Lá em casa nasceram 12 meninos. Nós temos 11 vivos. Então, não é fácil não. Ela... não é?, teve uma vida muito atribulada, também. E a minha atribulação por um lado, a dela por outro, nós conseguíamos às vezes convergir, mas divergíamos também.

[silêncio]

MV: É... você poderia retomar então essa sua entrada na política, não é? Não sabia, por exemplo, desse... da sua relação com o PTB **Erro! Indicador não definido.** e [essa?] candidatura a Prefeitura, não é? Mas é... Então depois você foi convidado a... a concorrer, não é?

JD: É.

MV: E é... também a sua relação com... com o Partido, que acho que não era mais o PTB **Erro! Indicador não definido.**, não é?

JD: Era o PDC **Erro! Indicador não definido.**

MV: Exatamente, não é? Você podia nos falar um pouco da... dessa, dessa parte e é... O que nos interessa também, na sua vida, é a sua figura. Pelo menos quando eu chegue no Brasil, Dazinho era um mito. É um mito hoje, até hoje era mais talvez Era um pouco também relacionado com cristão. Você podia nos falar então um pouco o que você lembra da... o que mudou, como que você foi crescendo nesse sentido?

JD: O partido que eu me inscrevi era o Democrata Cristão.

MV: Já existia?

JD: É.

MV: Você lembra da história [] em Belo Horizonte?

JD: Não, não tinha nenhuma história. Era um partido é... era um partido como se fosse hoje, por exemplo, o PSC.

MV: Partido Social Cristão?

JD: É. Que não tem nada de cristão, nem de social.

MV: Era tanto assim? Porque em vários países do mundo, na época, tinha partidos cristãos, democrata // **JD:** É.// cristão, na Itália... // **JD:** Em São Paulo...// Na Itália... // **JD:** Em São Paulo...// São Paulo, Franco Montoro...

JD: ...no Rio de Janeiro, // **MV:** É.// no Rio Grande do Sul, ele era um partido... no Paraná, era um partido que tinha uma... uma certa ideologia mais avançada, não era um negócio assim muito completo não...

FIM DO LADO A DA FITA 6

Entrevista - fita 6 - lado B

JD: ...o... eles apesar de não ser assim um partido muito completo nas lutas sociais é... em favor dos trabalhadores, mas tinham figuras mais proeminentes e que eram mais respeitados. Franco Montoro, é... Paulo de Tarso, Plínio de Arruda Sampaio, é... Tinha um outro velho lá, que eu esqueço o nome dele, era até o presidente do partido. E... mas nos outros estados era muito ruim, sabe?, inclusive aqui em Minas Gerais. Era um partido sem expressão e além de ser sem expressão, era muito reacionário. [] a minha entrada lá foi imposta.

MV: Imposta... // **AM:** É mesmo?// como?

JD: O pessoal mais ou menos ligado à Igreja, que... [] pessoal mais ou menos ligado à Igreja, que entrou para o Partido, para ver se melhorava lá...

MV: Quem que era essa pessoa? Lembra?

JD: Ah, eu lembro... nominalmente, por enquanto, eu lembro só de um: Antônio Pimenta.

MV: Da família dos Pimenta?

AM: É da mesma família?

JD: Irmão dele.

MV: Então [] da sua terra também, [não é]?

JD: É. E então o... eles me enfiaram lá no Partido e na hora da... e na, na convenção para escolher os candidatos eu sofri uma oposição danada da direção do Partido. Eu não tinha nada para oferecer, não. Tinha uma família imensa, ganhava salário mínimo...

MV: Você já tinha quantos filhos em sessenta?

JD: Em sessenta tinha // **MV:** Seis.// seis.

MV: É.

JD: É, não é? Então, tinha muitos filhos, salário mínimo e além de tudo com a pecha de comunista, não é?

MV: Para eles você era...?

JD: Para eles...

MV: Apesar de toda a sua // **JD:** É.// ligação com a JOCErro! **Indicador não definido....**

AM: E você se sentia agredido, sendo chamado de comunista? Para você isso era uma agressão?

JD: No início era.

AM: Era?

JD: É, eu não tinha nenhuma formação assim ideológica, a ponto de ter uma... um discernimento do, do que era ser chamado de comunista e de ser verdadeiramente comunista, embora os que... Posteriormente eu passei pouco me importar com o que eles me chamavam, porque aí eu já não era o comunista, mas também não era anti. Passei a... depois que eu entrei na JOCErro! **Indicador não definido.**, passei a ver os comunistasErro! **Indicador não definido.** como pessoas naturais, que tinham ideologia, defendia, e que defendia muito melhor que os cristãos, defendia o Evangelho. Então, baseado nisso, é... com muita dificuldade acabaram aceitando o meu nome para concorrer às eleições, mesmo porque eles acreditavam que eu não conseguiria eleger, não é? [risos] É... mas também quase ninguém acreditava, acho que nem nós mesmos. Eu, pelo menos, não acreditava. Talvez seja mais por isso que eu aceitei, que eu não acreditava. E como é que eu ia conseguir eleger? Mas é... nós passamos a ir para rua, concentrar nossa campanha num meio um pouco [lá? / mais?] que era mais dispersivo, era estudantes e trabalhadores e... alguns cristão, que a e... naquela época, apesar de toda a dificuldade, da pregação muito espiritualista da Igreja, tinham muitas pessoas que tinham... já tinham contato com Jacques... Jacques [] // **MV:** Han, han.// Jacques MaritainErro! **Indicador não definido.** e com outros...

MV: Alceu Amoroso LimaErro! **Indicador não definido..**

JD: Alceu Amoroso LimaErro! **Indicador não definido.**, não é? E que tinha uma visão um pouco mais aberta do Cristianismo, com referência às lutas sociais e econômicas, não é? E []

MV: Só... só uma pergunta: como que você entende que o Estado tão católico, como a Minas Gerais tem o... tanta dificuldade para entrar em movimentos assim de... políticos, igual um

partido... digamos, um partido cristão? De que que vem...? Enquanto que São Paulo consegue, Paraná consegue. Que que tem, na sua opinião? É [problema?] das elites, que são muito, muito conservadoras?

JD: São, muito conservadores e o conservadorismo deles é... lhes tapa os olhos, não é? Ou pelo menos, se não for... se não tapar, pelo menos eles aceitam aquela... aquela máxima do Cristo: o mais cego é aquele que não quer ver.

MV: Hum, hum.

JD: [risos] É. Então é... como Minas Gerais é um estado assim também é... de cultura muito interiorana, o pessoal do interior também é muito... muito mais conservador, então eu acredito que esse negócio é... esse negócio duma espiritualidade é... que também era falsa, não é?, muito hipócrita, porque utilizam ela só para aquilo que interessa eles. Porque não utilizam a espiritualidade para ter uma vida mais decente, não utilizam para conduzir é... a sociedade para um caminho mais aberto, não é?, e da visão do mundo é... como, como mundo mais moderno, portanto mais aberto à participação de todos nas... não só na... nas coisas espirituais, mas... principalmente materiais, não é?, porque é... Alguém já dizia, eu não sei quem é, mas alguém já dizia que, como é que um sujeito com fome, sem casa para morar, sem meio nenhum de vida, vai praticar a espiritualidade? De jeito nenhum, porque a pessoa, primeiro ele olha o interesse do corpo dele, não é?, do estômago, para depois ter vida cristã do espírito. A não ser que ele seja um... a não ser que ele seja um sujeito muito preparado e que tenha isso como uma ação de protesto, não é?, utilize o jejum, utilize uma prática dessa como protesto. Do contrário, por livre e espontânea consciência, a maioria do povo não... não tem essa aceitação. Então, daí eu... o que que eu acho, [porque? / que?] a nossa Igreja, também aqui é... foi muito... muito mais, também, assim atrasada, até hoje, politicamente. Acho que tudo isso é que leva Minas Gerais a ter toda essa gama de... de conservadorismo atrasada, que não leva a nada até hoje, não é?

MV: Mas te cortei. Você estava falando da campanha, então, para deputado estadual, não é?

JD: Então a campanha começou a desenvolver... naturalmente lá em Nova Lima, que é aonde eu estava saindo da presidência do Sindicato **Erro! Indicador não definido....**

MV: Ah, você pediu licença para...?

JD: Não, porque eu estava no final do mandato. As eleições era três de outubro, o meu mandato terminava em dezembro.

MH: Que ano?

AM: Sessenta.

MH: Sessenta.

MV: Sessenta.

JD: Sessenta. Sessenta. Não.

MV: Não é...

JD: Sessenta e dois.

MV: Hum?

JD: A minha... O meu mandado terminava em dezembro e as eleições foi dia três de outubro.

MV: Então vocês foram reeleitos regularmente... 52...?

JD: Não.

MV: 53, 54.

JD: Lá nós nunca permitíamos mais de duas... mais de uma reeleição não.

MV: Han, han.

JD: Então eu não fui reeleito não. Na ocasião que... de 52 a 54, que foi quando nós... que eu fui candidato a secretário, na eleição seguinte o meu companheiro de... [o?] presidente fez uma chapa e concorreu. Com ele, concorreu alguns, eu não quis. Achei que não era uma boa esse negócio de tá repetindo, // **MV:** Hum, hum.// principalmente seguidamente.

MV: Han, han.

JD: Achava que se houvesse um interregno até podia concordar. Mas logo no... [em?] seguida ao mandato, não concordava, portanto, sai. Eles até reelegeram. E só voltei a ser candidato em 60, que foram... é... Fui candidato a presidência **Erro! Indicador não definido.** e... para o mandato de 61/62.

MV: Então lá você foi eleito presidente do Sindicato **Erro! Indicador não definido.?**

JD: Presidente do Sindicato **Erro! Indicador não definido..**

MV: Han, han.

JD: Quando eu fui escolhido para concorrer a cadeira na Assembléia Legislativa **Erro! Indicador não definido.**, eu estava no fim de mandato já, de jeito que eu consegui conciliar a campanha, porque... primeiro é que eu não tinha dinheiro para viajar. Eu não conhecia ninguém no... nas outras cidades para poder // **MH:** Fazer campanha.// fazer campanha.

MV: Durante, durante esse tempo - 50 a 60 - você ficou muito em Nova Lima mesmo, não é?

JD: Fiquei totalmente em Nova Lima. Então, comecei fazer a campanha lá em Nova Lima mesmo, concorrendo lá com um médico de lá também, que era muito assistencialista, aliás uma boa pessoa, e... ligado às oligarquias locais, então com muita possibilidade. Tanto é que ele teve lá cinco mil e tantos votos, eu tive mil e oitocentos.

MV: Em Nova Lima?

JD: A minha eleição quem garantiu foi os estudantes.

MV: É mesmo?

JD: ...que fizeram no estado inteiro, não é? Estudantes que... do estado inteiro que estudavam aqui em Belo Horizonte, que levaram a campanha para o interior e conseguia um, dois, dezoito votos, mas nos locais deles...

MV: Então o candidato operário foi eleito // **JD:** Contra o...// o...

JD: ...o médico de lá.

AM: É por estudantes, // **MV:** E por estudante.// e não por operários!?

JD: ...e não por operários. Eu não tive voto... Tive muito pouco voto dos operários. Aqui em Belo Horizonte tiveram um pouco de voto operário também, mas a maioria absoluta...

MH: E como é que você explica isso?

JD: Porque operário nunca vota em operário **Erro! Indicador não definido.**

AM: É mesmo?

JD: Operário... eles acham...

MV: Foi enraizado, não é?

JD: Eles acham que operário não tem capacidade, num tem condições de...

AM: ...de administrar.

JD: ...de ad... é, de administrar o mandato. Enquanto o sujeito com... com diploma, ainda que seja contra eles, mais tem o discurso, não é?

AM: É aquilo que você disse, eles não, eles não aceitam, não visualizam que são dominados, não é?

JD: Não, de jeito nenhum. Então, baseado nisso... E até hoje é... se vê muita gente dizer o seguinte: - *“Há! Votar no Lula? Trabalhador igual eu!”* Agora, você imagina!

MV: Han, han.

JD: É por isso mesmo que deveria votar, não é? Trabalhador igual ele. É, mas isso é um contra.

MV: Você lembra da... da... da campanha, os temas que você desenvolvia, o gosto que você foi pegando durante a campanha?

JD: É.

MV: Que você foi se fazendo também nessa, nesse momento?

JD: Nesse momento nós tínhamos aí um tema, que andava muito em voga, que era o tema da preservação do uso do subsolo **Erro! Indicador não definido..**

MV: Ah!

AM: O quê?

JD: //Do subsolo.//

MV: //Do subsolo.// A campanha do petróleo...

JD: Dos minérios, // **MV:** Han, han.// não é? Até, quando saiu a célebre frase, não é?: “minério não dá as duas safras”, // **MV:** Han, han.// que é uma... era uma boa, não é?, e tudo. Então, o tema mais desenvolvido, além da... da nossa, do nosso compromisso com a continuidade de atuar nos meios sociais, a defesa das riquezas nacionais e a... o levantamento da consciência dos trabalhadores na participação dos temas mais importantes da nação, não é?

MV: Já havia a cultura popular, a... os estudantes universitários já ia na é... no interior fazendo teatro, conscientizan... já a palavra “conscientização” existia?

JD: Ah, estava muito em voga, não é? E até porque é... tinha... já estava instalado aqui em Minas Gerais... Como é que ele chamava? É... [silêncio] Deixa eu lembrar. É um... um polo de cultura muito adiantado e que professores e estudantes o MEB, // **MV:** Eu lembro [] // não é? Movimento...

MV: Era...

MH: ...de Educação de Base **Erro! Indicador não definido..**

JD: ...de Educação de Base **Erro! Indicador não definido.,** que foi... que já estava instalado aí e que... Ele foi de uma grande, de grande importância aí porque levou muita gente que estava afastado de movimentos políticos, sociais e tudo, a participarem do MEB como fonte de cultura, porque realmente era, não é?

AM: Como é que era o clima assim, Dazinho, no país, nessa época?

JD: Bom, era no momento em que estava se criando o CGT **Erro! Indicador não definido.,** não é? É... e é... que foi de grande movimentação no país e que começou a dar os primeiros passos assim de maior desenvolvimento da classe operária. Tanto prova disso é que em mil novecentos e sessenta e... e... dois... Não, sessenta e três ou sessenta... Não. 53 ou 54 nós conseguimos dobrar o salário mínimo, que era de mil e cem cruzeiros, para dois mil e duzentos.

MV: Que era, que era no segundo Getúlio **Erro! Indicador não definido.** então, não é?

JD: É.

MV: Ele suicidou é 54, não é?

JD: É.

AM: Pois é, o Ministro do Trabalho nessa época era o João Goulart **Erro! Indicador não definido.,** não é?

JD: Jango.

MV: É.

JD: É.

MV: Você nunca foi tentado a ser getulista e entrar no PTB **Erro! Indicador não definido.?**

JD: Não. É...

MV: Você vê, as lideranças conhecidas hoje são ma... que, que ficaram, não é? O Riani, o... todo esse pessoal do CGT**Erro! Indicador não definido.**, não é?, também //**JD:** É, mas...// era mais do PTB**Erro! Indicador não definido.**, não é?

JD: Eu ti... eu mantinha uma crítica muito... muito cruenta ao pessoal do PTB**Erro! Indicador não definido.**, porque era a maioria muito aproveitador, não é? A maioria do pessoal do PTB era fazendeiro. A maioria.

MV: Na época? Porque agora... //**JD:** É.// voltou a ser, não é?

JD: Não, na época também era. Era...

AM: Esse Riani, por exemplo, ele era sindicalista também, não é?

JD: Não, mas os sind... os trabalhadores que estavam lá dentro era o mínimo.

AM: Hum, hum.

JD: E alguns trabalhadores que estavam lá era pior do que os fazendeiros, como por exemplo o Ilacir Pereira Lima, não é?, que era... chegou a ser presidente do Sindicato**Erro! Indicador não definido.** dos Tecelões, foi eleito deputado estadual, deputado federal, mas era pior do que um fazendeiro. Então, é... os trabalhadores não tinha muita... muita vez lá dentro. Os que entrava, entravam realmente por ideologia e tal, defen... com... querendo defender uma... uma prática social trabalhista mais avançada, mas era sempre obstaculado por... pelas oligarquias que dominavam lá dentro, não é?

AM: Mas você está falando aí desse... de conseguir dobrar o salário mínimo e tal, isso na época trouxe conseqüências assim bastante... é, é... trouxe conseqüências para o João Goulart**Erro! Indicador não definido.**, trouxe conseqüências para o governo em si, não é?

JD: Mas... é...

AM: Vocês...

JD: Eles conseguiram superar. E nós também, porque na ocasião, principalmente quando o... a duplicação do salário mínimo deu muito mais força ao Jango //**AM:** Hum, hum.// e ao Getúlio**Erro! Indicador não definido.**, não é? É... porque o salário mínimo dobrou, apesar de ainda não satisfazer as necessidades do trabalhador, mas dobrou. Então os trabalhadores passaram a acreditar mais ainda... O Getúlio já era mito, e estava tentando

criar o Jango, não é? Então, é... aumentou muito o prestígio do Getúlio e consolidou o Jango. Tanto prova, que o Jango acabou sendo eleito vice-presidente da República e assumindo a presidência da República [em?] determinada época, não é? É, num primeiro período no sistema parlamentarista, mas depois, derrubado pelo Congresso, ele passou a governar no sistema presidencialista, com toda a força, não é?

AM: Você estava presente no encontro que teve de Getúlio **Erro! Indicador não definido.** Vargas, em São João Del Rei, com os trabalhadores mineiros?

JD: Não, não estava não. Era um negócio mais conduzido pelo PTB **Erro! Indicador não definido..**

AM: Exatamente.

JD: Como eu num... nunca é... tive simpatia nenhuma pelo PTB **Erro! Indicador não definido..**, não fui getulista, o que era até uma raridade para os trabalhadores, não é? A maioria dos trabalhadores, podia não ser petebista, mas getulista era. E eu não fui nenhum dos dois, graças a Deus. Mas então não estive presente não.

MV: Você falou: graças a Deus não ser getulista. Por quê? A sua formação que te dava isso ou...? Nessa época... a partir de que momento que você conheceu o Padre Lage **Erro! Indicador não definido..**, o pessoal da JOCE **Erro! Indicador não definido..**, assim mais... mais, digamos, cristão de esquerda, não é? A partir de quando que você conheceu?

JD: 47, se não me engano.

MV: Ah, já!? Então 52 você já tinha uma formação?

JD: Ah, já! Em 52 eu já tinha uma formação cristã. Por isso, inclusive, é que eu aceitei ser candidato para a chapa do Zé Nilo, que a chapa do Zé Nilo, apesar de não ser comunista, era apoiada por eles. Por isso, tendência comunista, não é? E como eu já tinha uma formação cristã mais, um pouco mais avançada, num serviu de obstáculo para mim a... o apoio do pessoal do Partido Comunista **Erro! Indicador não definido.** ao... a nossa chapa, não é? Mesmo porque, sem falsa modéstia, das chapas que estavam disputando, realmente a melhor era a do Zé Nilo mesmo. Por causa daquelas colocações que eu já fiz sobre ele, não é? Uma pessoa descomprometida com tudo e de uma coragem pessoal muito grande, não é?

MV: Quais são as suas lembranças do encontro com o Padre Lage**Erro! Indicador não definido.** e, digamos, a JOCE**Erro! Indicador não definido.**, não é? Porque... Você ficou... fica na história como o... formado pela JOC, não é?

JD: É.

MV: E ao mesmo tempo, um deputado estadual pelo PDCE**Erro! Indicador não definido.**.. Como que foi se fazendo a sua formação como político cristão, não é?

JD: Bom, o pessoal que me levou para o PDT... para o PDCE**Erro! Indicador não definido.** era um pessoal já considerado de esquerda na Igreja.

MV: Mas os padres não eram... Padre Lage**Erro! Indicador não definido.**, por exemplo...?

JD: Padre Lage**Erro! Indicador não definido.** era.

MV: Era!? Ah, bom

JD: Padre Lage**Erro! Indicador não definido.** era... era de esquerda e... violento!

MV: Mas ligado... Ele se ligou ao PDCE**Erro! Indicador não definido.**?

JD: Não, ele era do PTB**Erro! Indicador não definido.**..

MV: []

JD: Padre Lage**Erro! Indicador não definido.** era do PTB**Erro! Indicador não definido.**.. E é... a nossa, a... a... a nossa filiação partidária em partidos diferentes não teve nenhuma... não teve nenhuma intervenção em nosso relacionamento de cristãos // **MV:** Hum, hum.// e de participantes da JOCE**Erro! Indicador não definido.**.. Ele como assistente espiritual e eu como militante. E nós chegamos fazer dobradinha na... na candidatura, ele era candidato a deputado federal e eu a deputado estadual, então trabalhamos juntos. E eu não tinha é... como tinha... tive muita briga lá, o pessoal não querer me aceitar lá no PDCE**Erro! Indicador não definido.**, eu me julguei na... na condição de não ter compromisso com eles. Aonde pudesse trabalhar com eles não tinha nada contra não, mas não... não me apresentava como é... dobradinha dos candidatos a deputado federal do PDC não. E eles também não tinham muito interesse não, porque a minha fama já era meia ruim, então eles não queria ficar comprometido com pessoal de esquerda, mais é... mais revolucionário.

MV: Han, han.

JD: Então eu me dei mais com pes... com alguns tra... do PTB**Erro! Indicador não definido..** O Santiago Dantas**Erro! Indicador não definido.,** //MV: Hum, hum.// Padre Lage**Erro! Indicador não definido.** e, naquela ocasião, já tinha tamb... a eleição para prefeito e vereador era conjunto, então alguns candidatos do PTB também, a vereador, trabalharam junto conosco. Bem, essa... isso não sofreu nenhuma perda política nem para o PTB nem para o PDC**Erro! Indicador não definido.,** porque eu fui eleito, o Padre Lage ficou na primeira suplência e pouco depois ele acabou assumindo lá na Câmara Federal e a gente continuava discutindo os problemas juntos, como se não tivesse nenhum problema esse negócio de PTB e PDC. Nós trabalhávamos no sentido da nossa crença, no sentido da nossa definição do que era bom para o povo, para os trabalhadores e para o Brasil de um modo geral, não é?

MV: Você foi procurado na época por políticos já... da elite política, tipo Magalhães, Edgar de Mata Machado**Erro! Indicador não definido.,** ou ainda você ficou muito operário, mais ligado à Nova Lima?

JD: É, fiquei mais ligado à Nova Lima. É, porque em... eu num... apesar de ter direito de me afastar enquanto tivesse mandato, eu não precisava ir trabalhar, e nem perderia direito ao emprego, eu continuei descendo nas minas duas, três vez por semana. Trabalhava de manhã e vinha para Assembléia à tarde. E/

MV: Mas que roupa se usava? Era a mesma do...?

JD: A mesma roupa.

MV: Conta isso para nós, que...

JD: Bom, quando eu fui eleito eu já tinha a opção de trabalhar só na... no turno da manhã, quando eu fui eleito presidente do Sindicato**Erro! Indicador não definido.,** para na parte da tarde estar no Sindicato. Então, como fui eleito deputado logo em seguida, eu continuei utilizando desse direito da disponibilidade e duas, três vez por semana, levantava 5 horas da manhã, pegava marmita e a roupa de trabalhar lá dentro da mina e ia lá, trabalhava de 6 ao meio-dia. Ao meio-dia largava, vinha para casa, tomava banho e pegava o ônibus e vinha para Assembléia.

MV: Mas com a roupa de mineiro ou...?

JD: Não. Aí com a roupa da Assembléia, não é? Porque...

MV: Que na época era na rua...

JD: Tamóios.

MV: Tamóios, não é?

JD: Lá tinha...

MH: Iiii...

MV: Vamos retomar isso.

FIM DO LADO B DA FITA 6

A

Ação Católica, 1
Alceu Amoroso Lima, 12
Anti-político, 7

C

Candidato a presidência do sindicato, 14
CGT, 17
Comunistas, 12
Concorrer a cadeira na Assembléia Legislativa, 15
Convidado para ser candidato, 8

E

Edgar de Mata Machado, 20

G

Getúlio Vargas, 17; 18; 19

J

Jacques Maritain, 12
João Goulart, 17; 18
JOC, 12; 19; 20

M

Ministério do Trabalho, 1; 2
Movimento de Educação de Base, 17

O

Operário nunca vota em operário, 15

P

Padre Lage, 19; 20
Partido Comunista, 4; 6; 19
PDC, 10; 19; 20
PTB, 8; 10; 17; 18; 19; 20

S

Santiago Dantas, 20
Sindicato, 1; 2; 4; 5; 6; 7; 9; 13; 14; 18; 21
Subserviência dos comerciantes locais em relação à
Empresa, 5

T

Tema da preservação do uso do subsolo, 16